

Motivação e sua importância para a aprendizagem

ST Art Anderson de Santana Gonçalves Dias*

Introdução

A expressão “motivar” significa: “apresentar um motivo para”, que vem do *latim* *motivus*, *mo-vere*, que significa “mover”. A palavra “motivo” mais a preposição “para” significam “que traduz movimento, atitude ou demonstração de força de vontade”. A motivação inspira o comportamento dos indivíduos em diversos aspectos da vida e em múltiplas atividades, desde as mais elementares até as mais complexas.

Por meio da vivência como docente no Colégio Militar de Manaus, observamos que a vontade, de não poucos alunos, para o desenvolvimento pessoal por meio dos estudos tem se apresentado baixa, quando não inexistente, uma vez que é dificultada pelo desinteresse dos alunos para aprender, levando-nos a inferir, equivocadamente, que o grande problema enfrentado pelas escolas brasileiras, em especial mantidas pelo Estado, isto é, as públicas, é a falta de motivação por parte dos docentes. Dessa forma, a realidade do processo de ensino-aprendizagem tem se apresentado como um verdadeiro desafio a ser enfrentado e superado rotineiramente pelos professores, assim como pelos demais profissionais que englobam o espaço pertencente à educação formal.

São os mais variados os motivos, apresentados por uma vasta bibliografia, que contribuem para a compreensão da existência da desmotivação, assim como o que isso pode acarretar para o desfecho hostil do progresso intelectual do discente. Apresentamos um resumo dos motivos,

que podem ser de origem familiar, de diferenças culturais e socioeconômicas.

Há a possibilidade de outros elementos existentes no interior da própria sala de aula e que, em vez de promover o interesse e a motivação para o aprendizado, acabam por produzir o efeito contrário: o desinteresse do aluno em explorar e avançar nos conteúdos apresentados nos livros didáticos ou naqueles indicados pelo docente. Essas causas que contribuem de modo significativo para a falta de motivação estão atreladas aos recursos didáticos e às práticas pedagógicas, que deixaram de ser capazes de impor ao aluno o devido efeito para a geração de interesse pelas aulas.

Nesse sentido, é necessário agir sobre um verdadeiro colapso do interesse e da motivação, por parte dos estudantes, que temos observado no ensino médio, visando buscar instrumentos para compreender o processo de motivação para aprendizagem, bem como a ausência deste. Outra questão é a capacitação dos docentes com novas competências que os habilitem ao novo mundo de mídias digitais e ferramentas para gamificação dos conteúdos que auxiliarão na motivação dos discentes, visto que os jovens estão imersos no mundo digital. Levar o conhecimento para o mundo do discente, gerar o interesse para o aprendizado e trazer o aluno do mundo digital para a sala de aula serão os novos desafios a serem empreendidos pelo docente.

*ST Art (EsSA/1997, EASA/2008). Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande/RS e Licenciado em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, em Pedagogia e Bacharel em Ciência Política. Atualmente, é professor de Língua Portuguesa no Colégio Militar de Manaus.

A motivação no processo de aprendizagem

No espaço escolar, o propósito maior é o desenvolvimento cognitivo do discente, em resumo, a aprendizagem. Nesse contexto, observamos a necessidade que o aluno possui em ter a motivação para empreender seu esforço pessoal na busca pelo aprendizado.

Dessa forma, os professores necessitam compreender o que motiva seus alunos e usar essa ferramenta para que disponham de interesse pelo conteúdo das aulas. Nessa perspectiva, as atividades propostas em sala de aula necessitam estar vinculadas, isto é, possuir uma relação com a vida dos alunos, pois as experiências vivenciadas pelos alunos não podem – ou não devem – ser ignoradas, pelos docentes, de forma que o discente se reconheça e possa estar integrado aos colegas.

Como sugestão, quando o docente apresentar um conteúdo em sala de aula, pode pedir que os alunos ofereçam exemplos, retirando a inibição de participarem, deixando a sala de aula como um local seguro para expressarem seus pensamentos sobre o conteúdo apresentado e, conseqüentemente, conquistar a confiança e a segurança em seu conhecimento. O docente deve ter cuidado com aqueles alunos que oferecerem respostas erradas. Qualquer crítica pode levar o discente a se fechar e perder totalmente o interesse pela aula. O docente deve aproveitar os erros e construir um pensamento que leve o discente a entender por que pensou errado.

Nesse contexto, os docentes precisam estar atentos e serem proativos, isto é, aplicados em compreender o mundo em que os alunos vivem, fazendo uso de metodologias que, ao serem empregadas, envolvam o aluno no processo de aprendizagem, apresentando ao indivíduo a responsabilidade com o próprio aprendizado, transformando-o de expectador em protagonista,

pois não há educação se o discente não for o intérprete. O aluno não pode permanecer como um mero expectador. Infelizmente, na prática pedagógica de alguns docentes, os alunos são elementos passivos.

Cabe ao docente envolver o aluno em todos os aspectos da construção do conhecimento, sendo o discente um elemento ativo do trabalho do docente. Ele precisa compreender que as necessidades sociais fazem parte do “novo” e, quando não satisfeitos, os indivíduos, nesse caso os alunos, tornam-se resistentes, quando não adversários em relação aos demais em sala de aula.

Como atribuição do docente na motivação, segundo Bzuneck (2002, p. 23),

o papel do professor e da escola em relação à motivação dos alunos tem como elemento desencadeante a constatação de que existem problemas, potenciais ou reais.

Ao dedicar-se à tarefa de motivar em sala de aula, exige-se do professor foco e atenção para as particularidades no grupo discente; isto é, a motivação de um aluno poderá não ser a de outro. Devido à nossa experiência como docente, cada turma, ou seja, cada conjunto de alunos limitados pela planilha de chamada forma um grupo de indivíduos com uma cultura distinta da outra, ainda que pertencendo ao mesmo horário, com os mesmos professores, possuindo classe social semelhante e frequentando o mesmo colégio. Desse modo, observa-se a necessidade de conhecer cada aluno e seus objetivos.

A falta de motivação poderá gerar problemas que, em um processo futuro, desembocará na indisciplina, tão frequente nos noticiários. Sendo assim, quando observamos o cotidiano escolar, podemos inferir – por intermédio de ocorrências – a alteração do seu correto funcionamento, na escola ou na sala de aula. Certos comportamentos que não são os esperados pelos educadores tornam-se incompatíveis com sua condição e,

ao serem externados, causam problemas para o processo ensino-aprendizagem, quando não conflitantes em muitas oportunidades, deixando de serem sadios para as relações de convivência.

O docente precisa empreender de forma estratégica planejamentos convenientes que motivem os alunos para o interesse pelo novo conteúdo, para a busca por respostas às suas aspirações pelo conhecimento. Pode o docente adotar práticas que incorporem recompensas externas, compreendendo, no entanto, que cada indivíduo simboliza um mundo completamente diferente, pois, conforme apresenta Bzuneck (2002, p. 25): “existem alunos com problemas mais profundos [...], o que sugere a necessidade de um programa específico, a ser elaborado para cada caso”.

Fundamentando-se na concepção de que o docente precisa criar relações de confiança com seus discentes, não se pode, de forma alguma, desprezar as particularidades; isto é, as diferenças apresentadas por cada indivíduo, dado que somos únicos e em formação. Dessa forma, as exigências do docente em sala de aula, de acordo com Bzuneck (2002, p. 26), da ótica pedagógica, “mais do que remediar, é o de prevenir a ocorrência de condições negativas” [...], porém isso não é tudo, há a necessidade de desenvolver e manter a postura de motivado e motivador da sala de aula.

Para promover a motivação, o docente necessita reavaliar algumas de suas crenças acerca da motivação, abandonando atitudes e comportamento que inviabilizem suas ações pedagógicas, uma vez que dificultam o processo ensino-aprendizagem na medida da assertividade.

Considerações finais

Podemos concluir que as pesquisas sobre a motivação no processo ensino-aprendizagem são fundamentais para o desenvolvimento dos alunos. Fica evidente a importância do papel da família, pois esta pode influenciar de forma negativa ou de forma positiva, contribuindo para o desempenho escolar, fazendo com que o aluno possa chegar à sala de aula disposto a aprender, sentindo-se acolhido não apenas pelos demais colegas, mas também pelos seus professores.

É importante que o docente se comprometa como mediador por meio de sua prática pedagógica, que oportunize métodos que possibilitem o desenvolvimento do aluno, bem como levem o discente a adquirir o apreço pelas disciplinas, de modo próprio, quando houver a falta de motivação. A transposição didática fica prejudicada quando não há interesse por parte do aluno, o que dificulta o desenvolvimento do trabalho do docente como mediador do conhecimento e das relações no interior da sala de aula.

De forma resumida, a motivação é imprescindível para o processo ensino-aprendizagem, necessitando o docente ser capaz de perceber nos alunos as suas inabilidades e carências, aplicando metodologias adequadas, incluindo recursos didáticos que atuem na motivação e no interesse dos alunos pelo conteúdo.

Como elemento final, é importante que os colégios não sejam resistentes à inclusão de tecnologias, que são ferramentas para auxiliar na tarefa de aprender. Em suma, a motivação pode e deve ser promovida e potencializada, sendo óbvio que há muito a ser pesquisado e debatido por todos os elementos pertencentes a esta equação: aluno + motivação = aprendizado.

Referências

- ALCARÁ, A.R. e GUIMARÃES, S. E. R. **A Instrumentalidade como uma estratégia motivacional.** Psicologia Escolar Educacional, 11 (1), 177-178. 2007.
- BALANCHO, M.J. e COELHO, F. **Motivar os alunos – criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas.** Lisboa: Texto Editora. 1996.
- BORUCHOVITCH, E. **A motivação do aluno** (4. ed.). Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2009.
- BORUCHOVITCH, E. e MARTINI, M. L. **As atribuições de causalidade para o sucesso e o fracasso escolar e a motivação para a aprendizagem de crianças brasileiras.** Arq. Bras. Psicol., 49 (3), 59-71. 1997.
- BZUNECK, J. A. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. Em: Boruchovitch, E. e Bzuneck, J. A. (Orgs.). **Motivação do aluno** (p. 9-36). Petrópolis: Vozes. (2002).
- DAVIS, C.; NUNES, M. M. R. e NUNES, C. A. A. **Metacognição e sucesso escolar: articulando teoria e prática.** Cadernos de Pesquisa, 35 (125), 205-230. 2005.
- MARTINI, M. L. **Promovendo a motivação do aluno: contribuições da teoria da atribuição de causalidade.** Psicol. Esc. Educ., 12 (2), 479-480. 2008.
- MARTINI, M. L. e BORUCHOVITCH, E. **As atribuições de causalidade, o desenvolvimento infantil e o contexto escolar.** Psico – USF, 4 (2) 23-36. 1999.
- PAIVA, M. O. A. **Abordagens à aprendizagem e abordagens ao ensino: uma aproximação à dinâmica do aprender no secundário.** Dissertação de Doutorado, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal. 2008.